

## ESTUDO COMPARATIVO DA SINTAXE PRONOMINAL EM SÃO PAULO E PORTO ALEGRE <sup>1</sup>

Maria das Graças de ALENCAR

**RESUMO** *A emergência de uma gramática brasileira no final do século XIX, conforme atestado por Tarallo 93, vem provocando um distanciamento cada vez maior entre as gramáticas brasileira e portuguesa. O preenchimento do sujeito e o esvaziamento do objeto bem como o uso do pronome **ele** em posição de objeto são exemplos claros dessa separação entre as duas gramáticas. Diversas pesquisas creditam tais diferenças superficiais a uma única mudança profunda ocorrida no português brasileiro, a saber: o enfraquecimento da concordância. Porém, um estudo de Monteiro (91) sobre o sistema pronominal brasileiro revela que São Paulo é a cidade que mais se aproxima das descrições feitas para o português brasileiro enquanto que Porto Alegre é a que menos apresenta tais inovações. O presente estudo investiga se as diferenças regionais observadas são evidências de gramáticas diferentes ou variações permitidas dentro de um mesmo sistema ou ainda se seriam apenas reflexos de uma diferenciação no nível de implementação da mudança.*

**ABSTRACT** *The emergency of a Brazilian grammar at the end of the XIX century, according to Tarallo (92), has forcing a separation of the Brazilian grammar from the European one. The act of filling the subject and emptying the object, as well as the possibility if using the pronoun **ele** in object position are clear examples of this distance between the two grammars. Several researches have pointed out the impoverishment of the agreement element as the deep change responsible for the superficial changes which the Brazilian Portuguese has undergone. However, a study of Monteiro (91) about the Brazilian pronominal system reveled that São Paulo is the city which is closest to the descriptions made for the Brazilian Portuguese, while Porto Alegre is the city that less presents such innovations. The present study investigates if the regional differences shown by the two cities are evidences of different grammars or allowed variations within the same system or still if they could be just reflections of a differentiation on the new grammar implementation level.*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 2 de dezembro de 1998, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Charlotte M.C. Galves.

## INTRODUÇÃO

Pesquisas recentes sobre o sistema pronominal no português brasileiro tem comprovado o que já se vinha observando empiricamente com relação ao distanciamento entre o português de Portugal e do Brasil, ou seja, notamos claramente que o sistema pronominal do Português Brasileiro (doravante, PB) e principalmente seu uso na comunicação diária se encontram bastante diversos dos do Português Europeu (doravante, PE). Um estudo de Tarallo (93) sobre o PB demonstra que, a partir do século XIX, mudanças significativas vem ocorrendo no PB e dentre essas está a do sistema pronominal. Tarallo observa uma inversão total nos índices de retenção pronominal do sujeito e do objeto no decorrer dos períodos de tempo investigados. As porcentagens de retenção que, em 1726, eram de 23,3 e 89,2 para o sujeito e objeto, respectivamente; em 1981 passam para 79,4 e 18,2.

Monteiro (91), em seu estudo sobre o sistema pronominal brasileiro, nos mostra uma diferença nos índices de retenção/esvaziamento do sujeito e do objeto devido à origem do falante. Com respeito ao pronome sujeito, ele nos diz que Porto Alegre (doravante, POA) é a cidade que menos usa o pronome e no outro extremo se encontra São Paulo (doravante, SP) com o maior índice de probabilidade de retenção do pronome sujeito. Com relação ao objeto, Monteiro diz que SP é a cidade onde mais se omite o pronome enquanto POA é a segunda dentre as cidades pesquisadas (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife) que mais emprega o objeto pronominal. Este fato atestado por Monteiro coloca algumas questões interessantes, como por exemplo: por que, apesar de Tarallo(93) apontar a retenção do sujeito e o esvaziamento pronominal do objeto como características da emergente gramática brasileira, encontramos uma tendência diferente nos dados de POA em relação às demais cidades pesquisadas, especialmente SP?

O presente estudo, baseado na fala dos informantes do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), procura avaliar as implicações que as diferenças regionais atestadas por Monteiro (91) colocam para a teoria gramatical. Pesquisaremos, para tanto, os pronomes em posição sujeito e objeto, procurando traçar um paralelo entre as diferenças regionais atestadas em SP e POA e as diferenças ente PB e PE. A metodologia empregada na realização deste trabalho está baseada na proposta de Tarallo e Kato (89), ou seja, a de convergência da teoria chomskiana com a sociolinguística quantitativa de Labov.

Na seção 1, serão apresentados os grupos de fatores sociais e lingüísticos da amostra. A apresentação dos resultados encontra-se na seção 2. A seção 3 traz a conclusão.

## 1. FATORES SOCIAIS E LINGÜÍSTICOS DA AMOSTRA

Como as variáveis sociais, tais como a região de origem do falante, estratificação social, idade e sexo estão totalmente confiáveis nas amostras do NURC, nosso único trabalho foi selecionar os inquéritos que comporiam nossa amostra. Para POA foram escolhidos os seguintes: D2 37 e 120; EF 289 e 278; DID 8 e, para SP, os seguintes: D2

360 e 62; EF 405 e 153 e DID 18. Este número de inquiridos é bastante reduzido, portanto, insuficiente para que tenhamos um resultado estatisticamente confiável para as variáveis sociais. Os resultados nos serviram, então, apenas para a indicação de tendências.

Quanto aos fatores estritamente lingüísticos, selecionamos os seguintes grupos de fatores: o primeiro e o segundo grupos tratam da ausência/presença, fazendo a distinção entre o sujeito/objeto.

Para identificarmos quais pronomes estariam preenchendo estas posições em análise, criamos o grupo 3.

O grupo 4 identifica a pessoa gramatical.

O quinto grupo codificado se refere à estrutura sintática da oração.

No grupo 6 pretendemos verificar a localização do antecedente do pronome. Para este trabalho, porém, apresentaremos apenas os casos em que o antecedente esteja localizado na mesma frase em que aparece o pronome, o que denominamos de contexto imediato, como no exemplo a seguir:

“a petrobras a gente poderia dividir (e) em dois campos” D2POA

“então a minha de onze anos ela supervisiona o trabalho dos cinco” D2SP

Os três últimos grupos tentam captar o caráter referencial do antecedente. Duarte (86) e Galves (97) apontam para a importância do traço +/- humano, uma vez que este parece estar relacionado com a presença/ausência de pronome lexical ou nulo. Portanto, iremos analisar este traço em nosso corpus. Outro aspecto interessante colocado também em Negrão e Müller (96) diz respeito aos traços +/- específico do antecedente os quais favorecem ou não o preenchimento do sujeito. Além desses dois grupos de fatores, há um terceiro que busca captar também aspectos semânticos, porém derivados das estruturas sintáticas do antecedente; são estas as codificações utilizadas:

/ Não se aplica

**a) Quantificado: (SN + pronome indefinido; pronome indefinido)**

ex. “toda ideologia serve desde que (e) diga” D2POA

ex. “muitas pessoas (...) e (e) iam colhendo” D2SP

ex. “um desses, dessas pessoas que me ouvem (...) ajudá-lo a viver” D2POA

ex. “o menino porque quer fazer tudo sozinho, a menina porque quer que a mamãe faça (e) então sou eu que tenho que ir fazer (e)” D2SP

**b) Descrições definidas: (SN + artigo; SN + possessivo; SN + demonstrativos)**

ex. “as crises são uma constante (...) elas não são eventuais” D2POA

ex. “a crise surge (...) ela faz parte de uma estrutura contínua” D2POA

ex. “aquele indivíduo foi morto, ele foi diminuído ad-extremis” D2POA

ex. “daquelas pessoas que me ouvem (...) se algum dia eles entendessem...” D2POA

**c) Nomes próprios:**

ex. “se o Antônio Carlos me permite (...) ele coloca o seguinte” D2POA

**c) Nomes nus (bare names):**

ex. portas pequenas são abertas (...) elas vão se recuando a esse mundo típico...” D2POA

ex. “leva guarda-chuva vai chover (...) você nunca leva (e) entende?” D2SP

Este detalhamento da estrutura sintática do antecedente tem a pretensão de captar aspectos semânticos, como por exemplo os termos genéricos. Passemos à apresentação dos resultados obtidos.

## 2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 2.1. O Sujeito

Nossa hipótese central, com respeito ao sujeito nulo, é a defendida por Galves (93) e Roberts (93), dentre outros. De acordo com estes autores a possibilidade de ocorrência do sujeito nulo estaria intimamente relacionada com a riqueza flexional do paradigma verbal. Duarte (95), depois de analisar a questão do parâmetro do sujeito nulo à luz de uma pesquisa variacionista, chega à seguinte conclusão: “o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo pro-drop por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente ‘rica’ para tal processo, confirmando a hipótese de Roberts (93)” (pag.141).

Sendo assim, POA preencheria menos a posição sujeito, por apresentar ainda um sistema pronominal típico de línguas com um paradigma flexional forte, ou seja, que marcam a oposição entre as três pessoas do discurso, isto evidenciado pelo uso do pronome de 2ª pessoa ‘tu’. Por outro lado, SP, teoricamente, preencheria mais o sujeito uma vez que possuiria uma concordância fraca, fato este evidenciado pela ausência total de pronome de 2ª pessoa. Entretanto, os resultados sobre a porcentagem de retenção pronominal do sujeito obtidos através da análise quantitativa dos dados não confirmaram nossas expectativas teóricas: POA apresenta 69% de presença enquanto SP apresenta 65%.

Para podermos analisar melhor esta questão do sujeito nulo, apresentaremos abaixo todas as ocorrências de sujeito que verificamos nas duas capitais depois da análise quantitativa dos dados coletados em aproximadamente cinco horas de gravação. O total de dados computados foi de 1921 e se encontram demonstrados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1- Distribuição geral dos pronomes sujeito

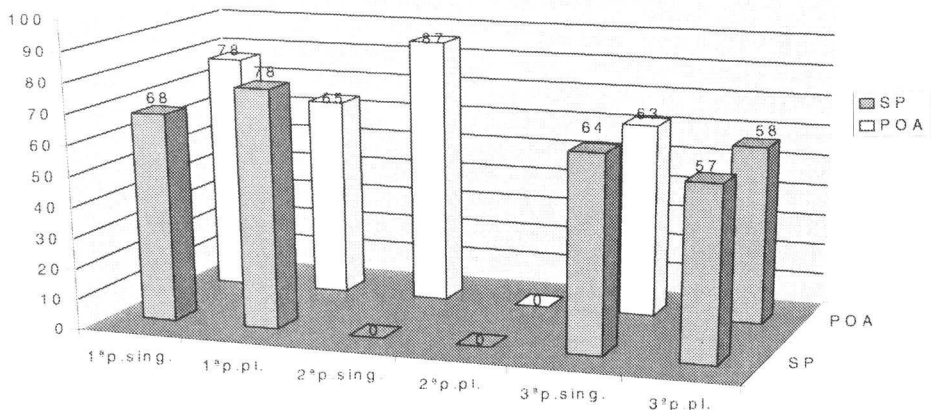
	SP		POA	
	n <sup>o</sup>	%	n <sup>o</sup>	%
Pronome nulo	345	34,81	291	31,29
Pronome tônico (eu, tu, ele...)	504	50,85	575	61,82
você (s)	89	8,98	44	4,73
a gente	53	5,34	20	2,15
Total	991		930	

Ao observarmos em nosso corpus os dados sobre o pronome você e a expressão a gente percebemos que a frequência com que eles são empregados em SP é bem maior

do que em POA. Por outro lado, verificamos que POA, e só POA, faz uso, efetivamente, do pronome de 2ª pessoa tu e que este uso é bastante produtivo naquela variante; o pronome você como 2ª pessoa singular, portanto, não foi utilizado nenhuma vez pelos informantes gaúchos; os números apresentados, então, na tabela 1, sobre o pronome você em POA dizem respeito ao plural vocês. Esta freqüência maior observada em SP nos parece importante uma vez que sabemos que este tipo de pronome, desencadeando a concordância de 3ª pessoa, contribui para a uniformização do paradigma de concordância. Negrão e Müller (96), contrariamente a Duarte (96), dizem que o PB não estaria necessariamente caminhando para o preenchimento total do sujeito, ou seja, não estaria perdendo a possibilidade do sujeito nulo. Elas argumentam em favor da idéia de que o que está ocorrendo é a co-existência de categorias vazias e lexicais em posição sujeito com uma especialização no uso de cada uma delas. Duarte (95), discorda, utilizando como um argumento o fato de que até mesmo o sujeito nulo de 3ª pessoa, que é o mais resistente à mudança, também está cedendo espaço ao sujeito pronominal lexical.

De fato, tanto Duarte (95) como Negrão e Müller observam o fato de que “o comportamento da terceira pessoa nos coloca diante de uma assimetria. Se, de um lado, parece estarmos perdendo a opção pelo sujeito nulo na representação dos sujeitos de primeira e segunda pessoas, de outro, continuamos a usufruir dessa opção para representar os de terceira” (Duarte (95), pag. 21). Essa assimetria da 3ª pessoa em relação à 1ª e a 2ª também pôde ser constatada em nosso corpus. Embora tenhamos classificado os pronomes você e a expressão a gente como 3ª pessoa, pelo fato de eles desencadearem a flexão de 3ª pessoa, diferentemente de Duarte (95) e de Negrão e Müller (96), e mesmo com este tipo de classificação forçando necessariamente o aumento do número de preenchimento, verificamos ainda assim que a presença de sujeito na 1ª e a 2ª pessoas são mais freqüentes que na 3ª. Como demonstra o quadro abaixo:

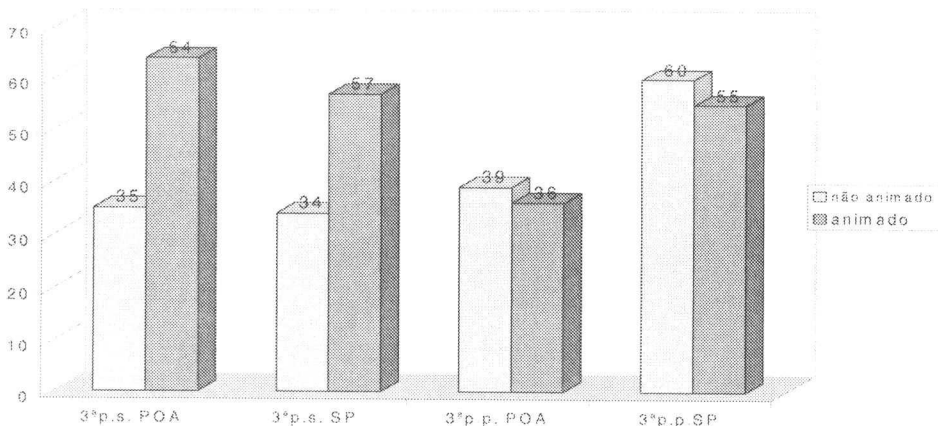
Preenchimento vs. Pessoa gramatical



Existem várias interpretações teóricas para esse comportamento diferenciado da 3ª pessoa. Duarte, analisando as três pessoas sob o ponto de vista discursivo, sugere que o índice alto de preenchimento do sujeito na 1ª e 2ª pessoas é uma evidência clara de que o enfraquecimento da concordância realmente ocorreu e, como consequência disso, teremos cada vez menos sujeitos referenciais licenciados por Agr. Com relação à 3ª pessoa, ela diz: “pode-se presumir que, não sendo mais inteiramente realizada através de Agr, a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes.” Mais adiante, na pag. 54, ela diz que o fato de contar com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de Agr é o que faz com que sujeito nulo de 3ª pessoa seja o mais resistente à mudança.

Figueiredo Silva (96), analisando também a problemática do sujeito nulo, diz que a análise dos dados sugeriu que o PB é uma língua com sujeito nulo parcial, que se utiliza de estratégias especiais para a identificação do sujeito nulo quando esta posição deve ser interpretada referencialmente. A fim de testar essa hipótese de co-relação entre referencialidade e preenchimento do sujeito, resolvemos avaliar como se comporta o sujeito em face ao traço +animado; portanto, se de fato existe algum tipo de co-relação entre o emprego cada vez mais freqüente de pronomes lexicais em contextos em que a interpretação em jogo é referencial, esperamos que haja uma tendência maior de preenchimento quando o sujeito se reportar a um referente com o traço +animado, uma vez que esta é uma das características mais óbvias da 1ª e da 2ª pessoas. Para avaliarmos bem essa questão ficaremos somente com os dados relativos à 3ª pessoa discursiva, afinal é a única que dispõe da opção entre o traço +animado e o não-animado. Vejamos o resultado:

3ª Pessoa vs. animacidade



Os resultados obtidos da análise acima parecem demonstrar uma tendência de preenchimento mais freqüente do sujeito na presença do traço +animado: 59% em POA e 56% em SP. Porém, ficou claro que essa influência é mais sentida no singular.

Observamos que enquanto no singular os números demonstram praticamente uma distribuição complementar entre +animado e não-animado, no plural os números estão quase iguais. Deve haver algum outro fator, além da animacidade, que esteja em jogo aí, como a generalização, por exemplo. Outro detalhe interessante é que, no plural, o índice de preenchimento apresentado por SP está bem mais elevado do que o apresentado por POA.

Outro aspecto interessante que gostaríamos de comentar diz respeito à relação entre o preenchimento do sujeito e a distância do antecedente. A importância teórica deste grupo seria verificar como POA e SP se comportam quanto à aos fatos descritos em Galves (87) sobre as questões relativas à classificação do PB como língua de tópico, através da análise das estruturas de duplo sujeito, assim chamadas por Duarte (95), como ilustra o exemplo de Eunice Pontes extraído de Galves (87):

“essa competência ela é de natureza mental”

Com respeito às estruturas de duplo sujeito, pudemos observar que tanto POA quanto SP empregam este tipo de estrutura. Porém, ao analisarmos mais detalhadamente essas ocorrências, constatamos que em SP a frequência com que essa estrutura ocorria era bem superior a de POA, ou seja, 19 ocorrências em SP contra apenas 4 em POA. Além dessa diferença quantitativa, verificamos, primeiramente, que, dentre estes quatro dados de POA, havia um que não se enquadrava dentro daquela estrutura que queríamos analisar, na verdade, tratava-se de um aposto. Em seguida, notamos que, nos demais casos, havia sempre um elemento separando o tópico do pronome correferente; o que pode ser interpretado como um artifício para camuflar esse tipo de estrutura que é ainda um tanto marginal ou ainda como um forte condicionador. Os quatro casos de POA foram transcritos abaixo para elucidar esse ponto. Foi transcrito também um dado de SP para que se possa estabelecer uma comparação:

“o pé de milho ele se torna um...um pé grande...em pouco tempo” SP-DID 18

“então ela, a moça, ridiculariza o porteiro” POA-EF 289

“a Dulce, além de ser elegante, ela é uma pessoa bem vestida” POA-D2 37

“porque o príncipe, apaixonado pela rainha, ele está a tentar” POA-EF 289

“o intelectual hoje ele prefere, ele verifica antes de mais nada”

Os dados de SP se encaixam quase em sua totalidade dentro da estrutura de tópico ilustrada no exemplo retirado do inquérito SP-DID 18, ou seja, em 17 dentre as 19 ocorrências, o tópico aparece seguido imediatamente pelo sujeito pronominal; nos quatro dados de POA, por outro lado, pudemos conferir que existe um caso de aposto, retirado do inquérito POA-EF 289. Já nas frases de tópico, há sempre algum elemento separando o tópico do pronome. Também é interessante notar que todos os casos são com o traço + animado.

A tabela abaixo traz a situação do sujeito nulo nos diferentes tipos de orações:

Tabela 2 - Ausência de sujeito em função do tipo de oração em POA e SP

		n <sup>o</sup>	%	Peso relativo
Principal	POA	109/415	26	.46
	SP	131/427	31	.50
Coordenada	POA	145/354	41	.60
	SP	192/422	6545	.65
Completiva	POA	22/82	27	.40
	SP	22/70	31	.46
Relativa	POA	16/80	20	.37
	SP	01/73	1	.03
input SP .20 input POA .29				

Nos dados de Duarte (95), a estrutura é a que apresenta também os menores índices de sujeito nulo: 7%. Porém, chamou-nos, particularmente, a atenção o número extremamente escasso de sujeitos nulos com estrutura relativa encontrado em SP em contraposição ao número encontrado em POA: atestamos apenas um caso em SP, o qual reproduzimos a seguir:

“...o que que você acha dessa poluição que tanto (e) falam que vão controlar...”

Trata-se de um sujeito indeterminado (arbitrário). Em POA a maioria dos casos são como os exemplos abaixo:

“...o mundo típico em que (e) vivemos...” POA-D2

“...quer pela parte da mensagem que tu transmite quer pela parte do aprendizado que (e) possas adquirir...” POA -D2

Podemos analisar essa questão do sujeito da relativa sob os pontos de vista semântico e gramatical. Antes, porém, de qualquer análise vale destacar que esse primeiro exemplo de POA é repetido sete vezes pelo mesmo informante, com algumas alterações como por exemplo: “...a estrutura social em que vivemos...”, o que faz com que o número de sujeito nulo em POA pareça muito superior a SP, o que de fato não é verdade. No aspecto semântico, podemos observar que na maioria das ocorrências há, de certa forma, uma semelhança com o sujeito arbitrário nesses casos de sujeito nulo, tanto no dado de SP quanto nos de POA. Quando se trata da 3ª pessoa, encontramos um dado muito parecido com o de SP, porém com uma estrutura relativa um pouco duvidosa. Vejamos o exemplo abaixo:

“...nós entramos na igreja que (e) fizeram a basílica em cima da igreja...”  
POA-D2

Existem, no entanto, casos de referente específico, como os dois exemplos abaixo de POA:

“...e isso que (e) estou dizendo...” POA-D2



“...longos anos de vida em que (e) fui infeliz...” POA-EF

Do ponto de vista gramatical, Duarte (95), usando a teoria gerativista de Pincípios e Parâmetros, diz que até mesmo no PE a estrutura relativa é a única a favorecer o sujeito pronominal pleno em prejuízo do sujeito nulo. Isso se deve ao fato de Spec CP estar ocupado pelo pronome relativo. Talvez, a batalha entre o sujeito pronominal pleno e o sujeito nulo tenha aí se iniciado e hoje constitui o contexto sintático em que a mudança está mais avançada no PB: 1% em nossos dados de SP. Os cálculos do “Peso Relativo” demonstram a significância desse grupo de fatores, bem como dos demais grupos de fatores selecionados no stepup. Vejamos, a seguir, primeiramente o quadro relativo a SP com todos os grupos de fatores selecionados pelo programa VARBRUL, e, em seguida, o quadro relativo a POA; os grupos de fatores estão exatamente na seqüência de importância em que foram apresentados :

Tabela 3- Fatores co-relacionados com a ausência de sujeito em São Paulo selecionados no STEPUP.

	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Principal</b>	131/427	31	.50
<b>Coordenada</b>	192/422	45	.65
<b>Encaixada</b>	22/70	31	.46
<b>Relativa</b>	01/73	1	.03
<b>Animado</b>	283/893	32	.47
<b>N-animado</b>	63/99	64	.72
<b>Interlocutor</b>	100/326	31	.38
<b>Adjacente</b>	98/176	56	.74
<b>Remoto</b>	70/221	32	.60
<b>Indeterminado</b>	78/249	31	.39
<b>N+DET.</b>	138/344	40	.49
<b>Nomes nus</b>	12/26	46	.61
<b>Nome próprio</b>	13/42	31	.43
Input = .20	Signif. = .000	São Paulo	

Tabela 4 - Fatores co-relacionados com a ausência do sujeito em Porto Alegre selecionados no STEPUP.

	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>1ª faixa etária</b>	178/599	30	.49
<b>2ª faixa etária</b>	35/184	19	.34
<b>3ª faixa etária</b>	79/148	53	.74
<b>Nome próprio</b>	07/44	16	.22
<b>N+DET</b>	121/286	42	.52
<b>Nomes nus</b>	20/29	69	.74
<b>Animado</b>	255/873	29	.48
<b>N-animado</b>	37/58	64	.74
<b>Principal</b>	109/415	26	.46
<b>Encaixada</b>	22/82	27	.40
<b>Coordenada</b>	145/354	41	.60
<b>Relativa</b>	16/80	20	.37
<b>1ª e 2ª sing.</b>	72/350	21	.41
<b>3ª sing. e pl.</b>	179/465	38	.56
<b>1ª pl.</b>	41/116	35	.54
<b>Input .29</b>	<b>Sign. .018</b>	<b>Porto Alegre</b>	

O fator selecionado em POA como mais importante para o emprego do sujeito nulo é o que trata da faixa etária. Podemos pensar que a evolução linguística detectada por Tarallo (93) está num estágio anterior em POA em relação a SP. Porém convém não nos esquecermos de que a faixa etária bem como os demais fatores sociais não puderam ser testados com o número suficiente de informantes por célula, apesar disso, acreditamos que possa nos indicar uma tendência, ao menos.

Enfim, os fatores relativos ao tipo de oração, ao caráter animado e aquele que trata da configuração sintática do antecedente foram selecionados pelo programa estatístico VARBRUL nas duas capitais. Isto que nos leva a crer que estes fatores estejam mais fortemente relacionados com o não-preenchimento do sujeito.

## 2.2. O objeto

De início, ressaltamos que um dos pontos que ilustram de forma mais clara o distanciamento da gramática do PB da do PE é o uso do pronome objeto. Duarte (86) aponta que clítico acusativo de 3ª pessoa não é utilizado na fala dos jovens de seu corpus, os quais preferem o uso do pronome lexical pleno **ele** ou de uma categoria vazia no posição de objeto. Correa (91) relata que o uso de pronome clítico parece não ser “natural” mas sim “aprendido” em PB. Tais fatos são reflexos de uma gramática brasileira já bastante distinta da do PE. Porém, segundo Monteiro (91) “São Paulo e Salvador são as cidades onde mais se emprega o sujeito pronominal e mais se omite o pronome objeto. No outro extremo, Porto Alegre é a cidade onde menos se emprega o pronome sujeito e a segunda no uso do objeto pronominal” (pag. 276). Essa afirmação de Monteiro nos fez querer investigar qual a posição que POA vem tendo frente às tendências da gramática brasileira. Vejamos então a distribuição geral dos pronomes em posição objeto encontrada nesta pesquisa foi a seguinte:

Tabela 5 - Distribuição geral dos pronomes em posição de objeto

	SP		POA	
	nº	%	nº	%
Nulo	63	75,9	42	59,15
Tônico	1	1,2	1	1,4
Clítico	19	22,89	27	38,02
Você(s)			1	1,4
	83		71	

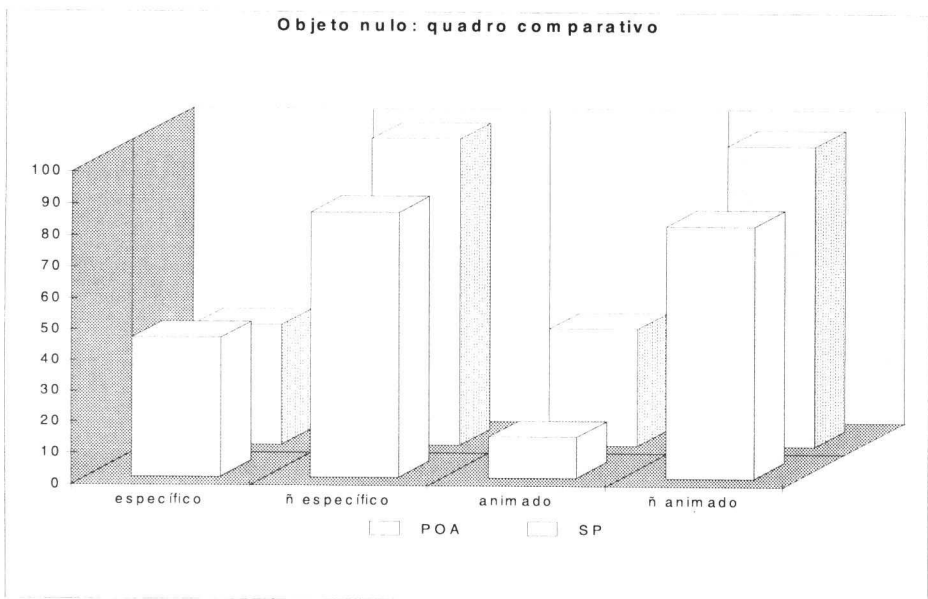
Como se pôde notar, o número de ocorrências de objeto atestado em nosso corpus não é suficiente para que empreendamos uma análise tão embasada sobre este tema como gostaríamos. Porém, apesar disso, apresentaremos alguns resultados que julgamos interessantes e que, de alguma forma, já foram constatados em trabalhos anteriores sobre o objeto, como os de Duarte (86), Cyrino (94), Monteiro (91), dentre outros. Com relação ao preenchimento em SP e em POA, observamos em SP 25% de retenção pronominal e POA 41%. Este preenchimento se refere basicamente aos pronomes clíticos, uma vez que há só uma ocorrência do pronome **vocês** em POA e apenas uma ocorrência do pronome lexical pleno **ele**, uma em cada cidade.

A tabela abaixo traz o número de aplicação da regra e o total dos dados, a porcentagem e o peso relativo dos fatores selecionados no stepup do Varbrul:

Tabela 6 - Fatores co-relacionados com o objeto nulo selecionados no stepup nas duas capitais.

POA		Nº/total	Porcentagem	Peso Relativo
Input= .68 significância= .005	Animado	03/23	13%	.16
	Não animado	39/48	81%	.69
	Específico	09/20	45%	.26
	Não específico	33/39	85%	.64
SP		Nº/total	Porcentagem	Peso Relativo
input= 1.00 significância= .004	Animado	11/30	36%	.02
	Não animado	52/53	98%	.91
	Específico	07/18	39%	.01
	Não específico	56/57	98%	.83
	Coordenada	25/33	76%	.62
	Principal	21/25	84%	.85
	Encaixada	16/23	70%	.16
	Relativa	1/02	50%	.00

Os traços relativos à animacidade e especificidade do antecedente estão realmente co-relacionados com o objeto nulo. O gráfico ilustra essa co-relação:



A presença de pronome objeto está muito mais relacionada com o traço +/- específico do antecedente em SP do que em POA, que se utiliza, até que com bastante freqüência, de pronome objeto correferindo com antecedente não-específico. Em SP, é praticamente categórico o uso da categoria vazia nesta circunstância: 98% dos casos. Vejamos exemplos do que classificamos como antecedentes não-específicos:

“é uma estrutura biológica qualquer, né, diante de um corpo estranho a ela, necessita absorver o corpo ou rejeitá-lo” D2POA

“um professor deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la” EFPOA

“(…) mas é possível a gente olhar para elas e ainda se espantar com a qualidade da representação então são dois fatos diferentes... a finalidade (para o que) ela foi feita...e a capacidade artística de quem a fez...certo?” EFSP

Nesses casos, não se está falando de um determinado corpo estranho, uma determinada taxionomia, ou uma determinada representação. Acreditamos que o sentido dado a esses SNs é de “algum/qualquer. Quanto à animacidade, o clítico empregado em POA difere do de SP: Em POA, um pronome clítico com um antecedente inanimado, como os dos exemplos acima, apresenta 19% de ocorrência enquanto que em SP encontramos apenas 2%, que corresponde a apenas um caso, o qual também se encontra transcrito nos exemplos acima.

A ocorrência de pronome lexical pleno em nosso corpus foi rara. Vejamos os únicos três casos:

(um aluno que era cego) “...depois eu estive dentro da aula quando ele estava lá, quer dizer, todo mundo tratava **ele** igual, ele tratava todo mundo igual e era um negócio tranqüilo, entende?” POA-D2

“posso estar chocando **vocês**” POA- D2

“depois à tarde volta aquele mesmo serviço certo? de atender os clientes é:: ora mostrando os equipamentos ora fazendo demonstração...eh ora levando **eles** na nossa filial é:: mostrando o equipamento in loco...” SP-D2

É provável que o número reduzido de pronome lexical **ele** em posição objeto registrado se deva à situação comunicativa pouco espontânea dos inquiridos, bem como por se tratar da norma culta. No entanto, o simples fato de se atestar a existência desse tipo de pronome em POA mostra que já não se trata mais de gramática portuguesa. Isto porque, de acordo com Galves (87), na gramática do PE, o uso do pronome **ele** em posição objeto não existe como recurso gramatical possível.

### 3. CONCLUSÃO

A análise dos aspectos apresentados até aqui nos levou a concluir que, apesar de encontrarmos variação entre as duas capitais, as divergências não são de ordem paramétrica, mas apenas reflexos de uma diferença no nível de implementação da mudança, uma vez que todos os fenômenos verificados em SP foram atestados também em POA. Outro aspecto interessante foi o fato de o VARBRUL selecionar a faixa etária dos falantes como o grupo mais significativo para a ausência do sujeito em POA, indicação de que os falantes mais jovens estão forçando a implementação da nova gramática. Quanto à hipótese de que POA possuísse uma concordância forte, o que

acreditávamos ocorrer por causa da presença do pronome de segunda pessoa **tu**, verificamos que não ser verdadeira, uma vez que os falantes de POA não concordam o verbo com a 2ª pessoa, conforme também observa Ilari et alii (96). Este fato nos faz desconfiar de que talvez o pronome **tu** seja interpretado pelos gaúchos da mesma forma que o **você** o é pelos paulistanos. E, sendo assim, tanto POA quanto SP estariam sofrendo os efeitos do enfraquecimento da concordância. Neste sentido, a diferença **tu/você** pode ser melhor entendida como uma diferença localizada no plano lexical e não no gramatical.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B. & GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-morfológica. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO, M. (eds). **Gramática do português falado vol. IV**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996, p. 273-319.
- CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol I, Elocuções formais**. SP, Queirós/FAPESP, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol II, Diálogo entre dois informantes**. SP, Queirós/FAPESP, 1987.
- CORREA, Vilma R. **O objeto nulo no português do Brasil**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1991.
- CYRINO, Sônia M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objetos nulos e clíticos. In ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, p. 163-184.
- \_\_\_\_\_. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, 1994.
- DU BOIS, John W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse . In: CHAFE, Wallace (ed.). **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood, New Jersey, Ablex, 1980, p. 203-274.
- DUARTE, M. Eugênia L. **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil: variação e sintaxe**. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1986.
- \_\_\_\_\_. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas, Ed. Pontes, 1989, p.19-34.
- \_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, p.107-128.
- \_\_\_\_\_. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.
- FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina. **A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.
- GALVES, Charlotte C. A sintaxe do português brasileiro. In: **Ensaios de lingüística n° 13**, 1987, p. 31-50.
- \_\_\_\_\_. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. In: **Cadernos de estudos lingüísticos n° 17**, 1989, p. 65-90.
- \_\_\_\_\_. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, p. 387-408.
- \_\_\_\_\_. **Clitiques et accord en portugais du Brésil**. ms, UNICAMP, 1994.

- \_\_\_\_\_. La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms. In: ZRIBI-HERTZ, A. (org.). **Les Pronoms**. St. Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1997, p.11-34.
- \_\_\_\_\_. A gramática do português brasileiro. In: **Línguas e Instrumentos lingüísticos nº 1**. Ed. Pontes, 1998, p. 79-94.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASSAN, R. **Cohesion in English**. London, Longman, 1976.
- ILARI, R. et alii. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. & BASÍLIO, M. (orgs.). **Gramática do português falado vol IV: estudos descritivos**. Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. The null subject parameter and parametric theory. In: JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (eds). **The null subject parameter**. Dordrecht, Kluwer, 1987, p. 1-43.
- KATO, Mary A. The distribution of pronouns and null elements in object position in brasilian portuguese. In: ASHBY, W. , MITHUN, M. , PERISSINOTO, G. P. & RAPOSO, E. (orgs.). **Linguistic perspectives on the romance languages**. Amsterdan, John Benjamins, 1993.
- \_\_\_\_\_. A theory of nul objects and the development of a brazilian child grammar. In: TRACY, Rosemarie & LATTEY, Elsa (orgs.). **How tolerant is universal grammar? Essays on language learnability and language variation**. Tübingen, Alemanha, Max Niemeyer Verlag, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Tópicos como alçamento de predicados secundários**. Ms, UNICAMP, 1997.
- LYONS, John. **Semantics**. Cambridge, Cambridge University, 1977.
- MONTEIRO, José. L. **Os pronomes pessoais no português brasileiro**. Tese de doutorado, UFRJ, 1991.
- NEGRÃO, Esmeralda V. & Müller, Ana L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? In: **D.E.L.T.A.**, vol.12, nº 1, 1996, p. 125-152.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol III, Entrevistas (diálogos entre informante e documentador)**. SP, Queirós/FAPESP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol IV, Estudos**. SP, Queirós/FAPESP, 1990.
- RAPOSO, Eduardo P. On the nul object in european portuguese. In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALÁN, C. (orgs.). **Studies in romance languages**. Dordrecht, Foris, 1986.
- TARALLO, Fernando. Turning different at the turn of the cenury: 19th century brazilian portuguese. In: GUY, G., BAUGH, G. & SCHIFFRIN, D. **Festschrift to William Labov**. 1992.
- \_\_\_\_\_. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, 69-105.
- TARALLO, Fernando & KATO, Mary A. Harmonia tran-sistêmica: variação intra e interlingüística. In: **Predição 5**. Campinas, UNICAMP, 1989, p. 315-353.